

## Redação

### INSTRUÇÕES:

- Escreva sua Redação, com caneta de tinta AZUL ou PRETA, de forma clara e legível.
- Caso utilize letra de imprensa, destaque as iniciais maiúsculas.
- O rascunho deve ser feito no local apropriado do Caderno de Questões.
- Na Folha de Resposta, utilize apenas o espaço a ela destinado.
- Será atribuída pontuação ZERO à Redação que
  - não se atenha ao tema proposto;
  - esteja escrita a lápis, ainda que parcialmente;
  - apresente texto incompreensível ou letra ilegível;
  - esteja escrita em verso;
  - não seja respondida na respectiva Folha de Resposta;
  - esteja assinada fora do local apropriado;
  - possibilite a identificação do candidato;
  - apresente texto padronizado, comum a vários candidatos.

Leia os textos a seguir, que servirão de base para a sua Redação.

#### I. O que você vai ser quando... o mercado crescer?

O mercado de trabalho está mudando à velocidade de vários *gigahertz*. Profissões antes inimaginadas não param de surgir: na tela do *designer* de *games*, no telão do VJ, no escritório do advogado eletrônico, na empresa do economista ambiental, onde quer que apareça uma nova necessidade. O adolescente de hoje poderá se tornar especialista numa profissão que ainda nem existe.

Os desbravadores das novas atividades não têm alternativa a não ser se virarem sozinhos: o autodidatismo é predicado dos pioneiros. Seus seguidores, no entanto, já podem e devem estudar. Apesar da rapidez do ciclo que vai de uma idéia seminal à sua transformação em ofício, as universidades [...] estão, cada vez mais, tentando não ficar para trás.

Estabelecimentos de ensino apostam na formação em assuntos que, há pouco tempo, interessariam apenas a jovens obcecados por novas tecnologias. [...]

[...]

O profissional do futuro deve se preparar, ainda, para ser um especialista multidisciplinar. A contradição é apenas aparente. Ele precisará conhecer sua área tanto quanto possuir uma formação que lhe permita ter uma visão abrangente das diversidades da sociedade contemporânea.

MENEZES, Cynara. O que você vai ser quando... o mercado crescer? *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 abr. 2003. Folha [Sinapse], n. 10, p. 10-12.

II. Fui a São Paulo, a convite do Grêmio dos Politécnicos, bater um papo com os rapazes em sua Faculdade. Recusei-me a fazer uma palestra, pois sou homem de língua emperrada; mas os motivos para a minha ida, como me foram apresentados pelos futuros engenheiros paulistas, pareceram-me bastante válidos, além de modestos. Têm eles que a carreira escolhida oferece o perigo de canalizar o pensamento para problemas puramente tecnológicos, em prejuízo de uma humanização mais vasta, tal como a que pode ser adquirida em contato com o homem em geral e as artes em particular.

Há muito não me sentava diante de tantos moços, com um microfone na mão, para lhes

responder sobre o que desse e viesse. — “Quem sou eu — perguntei-me, não sem uma certa amargura — quem sou eu, que não sei sequer consertar uma tomada elétrica, para arrogar-me o direito de vir responder às perguntas destes jovens que amanhã estarão construindo obras concretas e positivas para auxiliar o desenvolvimento deste louco país?” Mas eles, aparentemente pensavam o contrário, pois puseram-se a bombardear-me de perguntas que, falar verdade, não dependiam em nada de cálculos, senão de experiência, bom-senso e um grão de poesia.

MORAES, Vinícius de. *Para viver um grande amor*. 7. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1962. p. 141.

III. A arquitetura como construir portas, de abrir; ou como construir o aberto; construir, não comoilhar e prender, nem construir como fechar secretos; construir portas abertas, em portas; casas exclusivamente portas e teto. O arquiteto: o que abre para o homem (tudo se sanearia desde casas abertas) portas por-onde, jamais portas-contra; por onde, livres: ar luz razão certa.

MELO NETO, João Cabral de. Fábula de um arquiteto. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. único, p. 345-346. Organização Marly de Oliveira.

IV. Ou isto ou aquilo

Ou se tem chuva e não se tem sol  
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,  
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,  
quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa  
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,  
ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...  
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,  
se saio correndo ou fico tranqüilo.

Mas não consegui entender ainda  
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1972. p.734.

Tomando como ponto de partida os textos apresentados — que podem ser objeto tanto de consentimento quanto de discordância — escreva um texto argumentativo em que você se posicione sobre **a escolha da profissão dentro de uma perspectiva que atenda às necessidades individuais do ser humano e às exigências da sociedade contemporânea**.

## Português – QUESTÕES de 01 a 06

LEIA CUIDADOSAMENTE O ENUNCIADO DE CADA QUESTÃO, FORMULE SUAS RESPOSTAS COM OBJETIVIDADE E CORREÇÃO DE LINGUAGEM E, EM SEGUIDA, TRANSCREVA COMPLETAMENTE CADA UMA NA FOLHA DE RESPOSTAS.

### INSTRUÇÕES:

- Responda às questões, com caneta de tinta AZUL ou PRETA, de forma clara e legível.
- Caso utilize letra de imprensa, destaque as iniciais maiúsculas.
- O rascunho deve ser feito no espaço reservado junto das questões.
- Na Folha de Respostas, identifique a numeração das questões e utilize APENAS o espaço correspondente a cada uma.
- Será atribuída pontuação ZERO à questão cuja resposta
  - não se atenha à situação ou ao tema proposto;
  - esteja escrita a lápis, ainda que parcialmente;
  - apresente texto incompreensível ou letra ilegível.
- Será ANULADA a prova que
  - não seja respondida na respectiva Folha de Respostas;
  - esteja assinada fora do local apropriado;
  - possibilite a identificação do candidato.

### Questão 01 (Valor: 15 pontos)

Respirei e sentei-me. D. Plácida atroava a sala com exclamações e lástimas. Eu ouvia, sem lhe dizer coisa nenhuma; refletia comigo se não era melhor ter fechado Virgília na alcova e ficado na sala; mas adverti logo que seria pior; confirmaria a suspeita, chegaria o fogo à pólvora, e uma cena de sangue... Foi muito melhor assim. Mas depois? que ia acontecer em casa de Virgília? matá-la-ia o marido? espancá-la-ia? encerrá-la-ia? expulsá-la-ia? Estas interrogações percorriam lentamente o meu cérebro, como os pontinhos e vírgulas escuras percorrem o campo visual dos olhos enfermos ou cansados. lam e vinham, com o seu aspecto seco e trágico, e eu não podia agarrar um deles e dizer: és tu, tu e não outro.

De repente vejo um vulto negro; era D. Plácida, que fora dentro, enfiara a mantilha, e vinha oferecer-se-me para ir à casa do Lobo Neves. Ponderei-lhe que era arriscado, porque ele desconfiaria da visita tão próxima.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 2. ed. São Paulo: FTD, 1992. p. 149. (Coleção Grandes Leituras).

Transpor a obra narrativa para o cinema é um processo complexo que implica a eleição de ações a serem representadas, pois num filme estão envolvidas diferentes linguagens além da verbal.

No trecho transcrito do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, indique a parte da narrativa que oferece dificuldade de transposição para a linguagem fílmica e explique de que modo essa dificuldade pode ser resolvida.

### Questão 02 (Valor: 15 pontos)

I. Lembro-me do soldado vesgo e de farda branca que, na Colônia Correccional, ao receber-nos, ameaçava destruir-nos, não num forno crematório, mas pouco a pouco. Dizia aos recém-chegados:

— Aqui não há direito. Escutem. Nenhum direito. Quem foi grande esqueça-se disto. Aqui não há grandes. Tudo igual. Os que têm protetores ficam lá fora. Atenção. Vocês não vêm corrigir-se, estão ouvindo. Não vêm corrigir-se: vêm morrer.

Todos iguais — ladrões e “ladrões” —, nenhum direito, os soldados podiam jogar-nos impunemente no chão, rolar-nos a pontapés. E finar-nos-íamos devagar. “Os que têm protetores ficam lá fora.”

SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade*: uma ficção de Silviano Santiago. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 31.

II. GUERNICA (1937). Pablo Picasso - obra que retrata a Guerra Civil Espanhola.



HARRIS, Nathaniel. *Vida e obra de Picasso*. Tradução Talita M. Rodrigues. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997. p. 58-59.

A luta contra o autoritarismo e a intolerância tem inspirado escritores e artistas de todas as épocas.

Comente o tratamento dado a esse tema no romance *Em Liberdade*, de Silviano Santiago; no quadro *Guernica* de Pablo Picasso e no filme *A Excêntrica Família de Antônia*, de Marleen Gorris.

### Questão 03 (Valor: 20 pontos)

- I. — Sinhazinha, qué cocada hoje?  
 — Não, respondeu Capitu.  
 — Cocadinha tá boa.  
 — Vá-se embora, replicou ela sem rispidez.  
 — De cá! disse eu descendo o braço para receber duas.

Comprei-as, mas tive de as comer sozinho; Capitu recusou. Vi que, em meio da crise, eu conservava um canto para as cocadas, o que tanto pode ser perfeição como imperfeição, mas o momento não é para definições tais; fiquemos em que a minha amiga, apesar de equilibrada e lúcida, não quis saber de doce, e gostava muito de doce.

Ao contrário, o pregão que o preto foi cantando, o pregão das velhas tardes, tão sabido do bairro e da nossa infância:

*Chora, menina, chora,  
 Chora, porque não tem  
 Vintém,*

a modo que lhe deixara uma impressão aborrecida. Da toada não era; ela a sabia de cor e de longe, usava repeti-la nos nossos jogos da puerícia, rindo, saltando, trocando os papéis comigo, ora vendendo, ora comprando um doce ausente. [...]

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 27. ed. São Paulo: Ática, 1994. p. 37. (Série Bom Livro).

- II. Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, sinha Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 71. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 9.

- III. — Estou vendo, estou vendo — disse Leléu. — Que é que eu posso fazer, não sou o reis dos mares.

Todo dia a gente come o peixe — ia dizendo — e um dia o peixe tem de comer um. Mas não disse, ficou escutando incrédulo o que lhe pediam.

— Tá todos dois doidos, doidos, doidos — sentenciou, virando as costas.

Está certo, podiam estar doidos, mas que custava Leléu concordar com o que propunham?

— Custa meu barco — respondeu zangado. — Se aquele bicho mascou o bote como quem mastiga um carapicu frito, é com meu barco que ele vai palitar os dentes?

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 258.

As relações entre língua e sociedade são indiscutíveis.  
Explique o modo como a diversidade lingüística se manifesta nos fragmentos transcritos.

#### Questão 04 (Valor: 15 pontos)

Esforço-me para não fazer ficção a partir dos acontecimentos que narro neste diário.[...]  
Não gosto de imaginar como as pessoas se encontram, como as coisas acontecem, gerando enfado ou surpresa; não gosto de imaginar que frases são ditas, que gestos são feitos.

Pego, na minha lembrança, uma cena antiga, construída pelo meu cotidiano, e trabalho-a segundo a minha intenção no romance. Como um bom cozinheiro, recheio a personagem com a minha pessoa, antes de assá-la no forno da imaginação poética. Transformo-a em personagem que pode apetecer os mais requintados gostos. Como bom copeiro, ponho a mesa, pratos e talheres para a situação banal do dia-a-dia, enriquecendo-a de detalhes acessórios e significativos. Gosto que tudo signifique. Até uma vírgula.

SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade*: uma ficção de Silviano Santiago. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 98-99.

Leia o fragmento transcrito e explique a forma como a função metalingüística nele se manifesta.